

NAVESSA ALLEN

O  
CRIME DE  
SÃO  
VALENTIM

TRADUÇÃO  
Maria Inês Ramos



# Índice

|                   |     |
|-------------------|-----|
| 1. Noah . . . . . | 11  |
| 2. Noah . . . . . | 19  |
| 3. Noah . . . . . | 35  |
| 4. Noah . . . . . | 47  |
| 5. Noah . . . . . | 61  |
| 6. Noah . . . . . | 79  |
| 7. Noah . . . . . | 97  |
| 8. Noah . . . . . | 109 |
| 9. Emma . . . . . | 123 |



## CAPÍTULO I

### Noah

Ouvi alguém gemer.

Num cemitério.

À noite.

A maioria das pessoas normais ter-se-ia sobressaltado, mas a mim, mais do que qualquer outra coisa, aquilo irritava-me. Acabara de pôr relva sobre uma sepultura recente e estava pronto para arrumar as minhas coisinhas e ir recolher-me no conforto do meu lar, pois claro que era *agora* que os gemidos tinham de começar.

Outro gemido baixo atingiu os meus ouvidos. Tentei convencer-me de que era apenas o vento.

O único problema dessa hipótese era que não havia vento. O ar estava tão morto quanto as pessoas sob os meus pés.

Então... tinha de ser outra coisa.

Estiquei os ouvidos e inclinei a cabeça. O gemido intensificou-se.

– Merda – murmurei.

Cabia-me a mim fazer algo a respeito, não era?

O cemitério de Thibodeaux era um dos mais antigos do Louisiana, e a minha família cuidava dele há já três gerações. A relva estava sempre bem aparada, as lápides bem conservadas, e os caminhos de cascalho eram alisados e mantidos planos. Num dia de verão, era algo digno de se ver: carvalhos centenários cobertos de barba-de-velho erguiam-se como sentinelas entre as lápides; o ar zum-bia com cigarras e grilos; os visitantes, recatados, prestavam as suas homenagens àqueles que já tinham partido. Agora, numa noite em meados do inverno, era um lugar um pouco menos acolhedor, com os ramos das árvores nuas estendidos como esqueletos, uma quietude ultrassilenciosa a insinuar que a escuridão sustinha a respiração.

Passei toda a minha vida a vaguear por estes seis hectares, e até eu o achava, por vezes, assustador. Os góticos da cidade e os adeptos de turismo vampírico (sim, isso existia) que o visitavam com regularidade pareciam achá-lo encantador. Não passava um mês sem encontrar pessoas a foder por entre as lápides e, como *era* Dia dos Namorados, eu já devia estar à espera de tais situações. Mas, porra, tinha zero vontade de lidar com aquilo.

O dia fora longo e difícil. Horas antes, tive de enter-  
rar o caixão da Emma Broadturn. Tínhamos sido colegas  
no secundário, e eu era obcecado por ela. Sempre à dis-  
tância, pois havia um certo estigma em torno da minha  
família ao qual era difícil escapar e, embora eu não me  
vestisse de preto nem rondasse a escola furtivamente, con-  
tinuava a ser visto como o rapaz sinistro do cemitério.

A Emma Miller, nome de solteira, fora a rapariga  
mais popular da escola, rainha do baile de finalistas,  
melhor aluna da turma, eleita a mais apreciada, a mais  
bem-vestida e praticamente todos os outros prémios elo-  
giosos que existiam no anuário. Enquanto o meu pai e eu  
fazíamos descer o seu caixão cova abaixo, eu só conseguia  
pensar em como tudo aquilo tinha sido em vão. Como  
ela tinha tido uma vida tão abençoada apenas para aca-  
bar por morrer aos trinta e dois anos, após um acidente  
bizarro. Nunca fora dado ao existencialismo, mas a morte  
dela atingiu-me profundamente e fez-me passar os últi-  
mos dias a questionar-me sobre o sentido de tudo isto.

E a perguntar-me que raio terá ela visto no Beau  
Broadturn, o seu marido. Porque é que ela decidiu, logo  
após o secundário, pôr de lado todos os seus sonhos  
brilhantes para casar-se com ele e segui-lo pelo país  
enquanto ele estudou Medicina e, depois, fez o internato  
num hospital universitário chique no nordeste americano.  
A seguir, regressaram a casa, para que o Beau pudesse

começar a trabalhar no hospital privado que pertencia à família dele, e que era a única instituição médica em todo o condado. Os Broadturns já eram os responsáveis por prestar assistência médica às pessoas desta região desde os tempos em que as estradas ainda eram de terra batida e o principal meio de transporte tinha quatro patas. Por estas bandas, eram uma espécie de dinastia, com os poucos membros da família que não tinham cédula para exercer medicina a ocupar outros cargos importantes na região: advogados, polícias, até mesmo um ou dois estadistas.

Por serem uma das poucas famílias com algum dinheiro na região, julgavam-se melhores do que todos os outros, e era pela sua arrogância e prepotência flagrantes que eu os odiava a todos. O Beau, um pesadelo absoluto no ensino secundário, era produto desse elitismo. Ele era charmoso e engraçado para com a Emma e os seus amigos, mas um idiota implacável para o resto de nós.

E só piorou com a idade. Corriam rumores sobre as suas infidelidades, espalhando-se pela cidade inteira, mas, por alguma razão, a Emma permanecia com ele. Sem dúvida, ele encontrou alguma maneira de a convencer da falsidade dos rumores. Ele sempre fora um bom orador.

Bem, agora ela estava morta, e ele, livre para dormir com quantas mulheres quisesse, sem ter de o encobrir. Eu tinha a certeza de que ele iria fazer isso mesmo, pois o estupor não derramou uma única lágrima durante



o funeral da Emma. E sim, cada um lida com o luto de maneira diferente, mas eu já vi mais funerais e pessoas enlutadas do que tenho memória, o que me tornou bom em reconhecer o pesar do luto. O Beau não mostrou qualquer sinal dele. Só parecia impaciente por sair dali.

Fiquei, ao mesmo tempo, irritado e de coração partido pela Emma, a ponto de só me apetecer ir para casa e afogar-me num copo de uísque. Em vez disso, estava prestes a ter de perseguir um casal de pervertidos escondidos algures atrás dos arbustos.

Respirei fundo e olhei para o claro céu noturno, onde dois cometas se precipitavam um contra o outro. Na verdade, não iam colidir, mas, vistos do ângulo terrestre, pareciam deslocar-se rumo a um choque iminente. Como ia acontecer no Dia dos Namorados, os meios de comunicação social aproveitaram para romantizar o fenómeno, obviamente batizando-os de Amantes Amaldiçoados\*. Esta noite, todos celebravam o par, várias cidades organizaram festas para observá-los, e inúmeros casais planearam encontros noturnos para vê-los.

Voltei o meu olhar para a Terra, abanando a cabeça. Que parvoíce tremenda.

---

\* Em inglês, *Star-Crossed Lovers*, expressão que se tornou famosa em *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. (N. da T.)